

Escrever a docência:
cartas a jovens professores
e professoras de sociologia

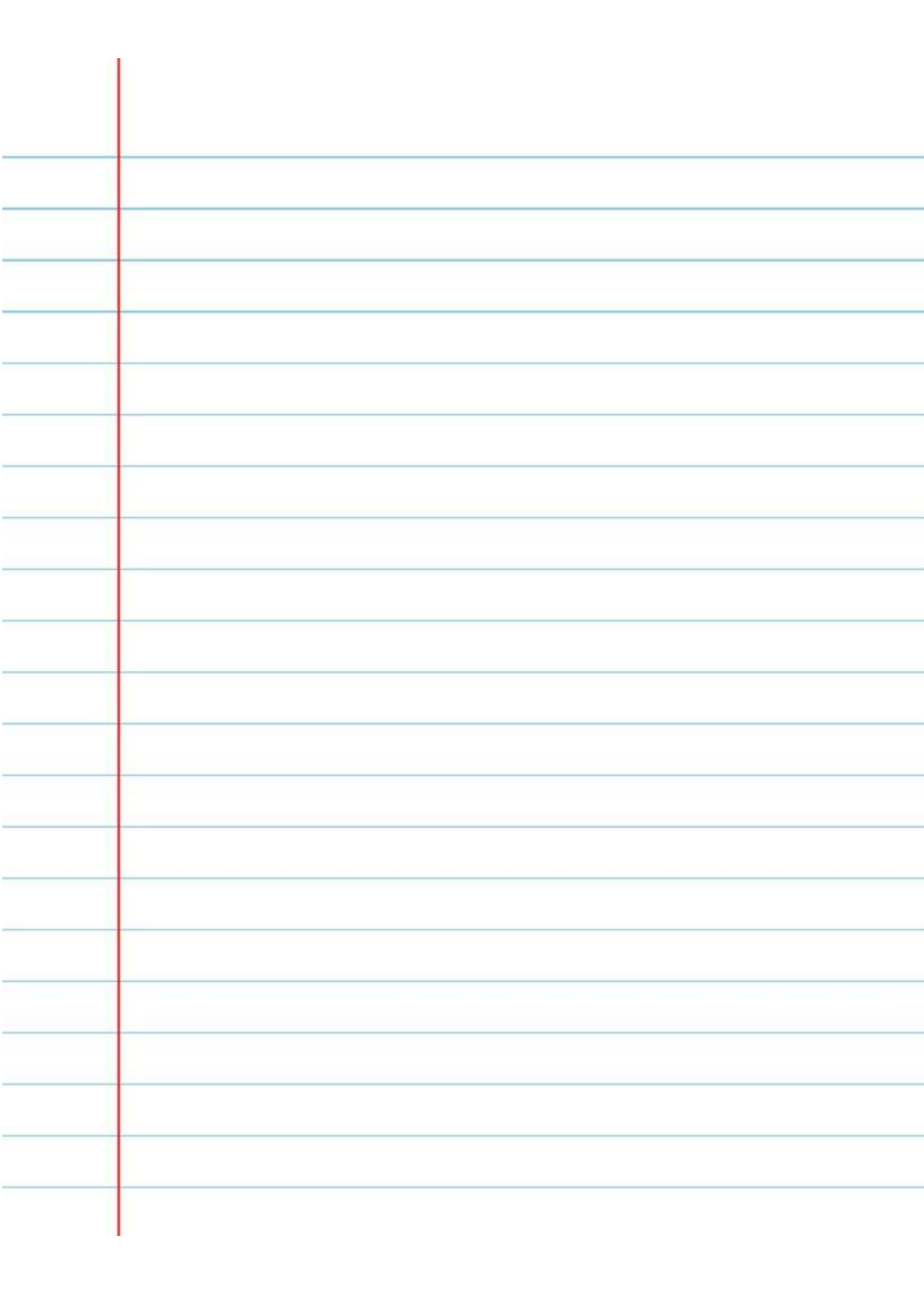
Gabriel Nascimento e Silva

Orientação: Grazielle Ramos Schweig

Programa de Mestrado Profissional – Educação e Docência

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais



S586e
T

Silva, Gabriel Nascimento e, 1992-

Escrever a docência [manuscrito] : cartas a jovens professores e professoras de sociologia/
Gabriel Nascimento e Silva. -- Belo Horizonte, 2025.

[Obra produzida como recurso educacional da dissertação de mestrado do autor com o
título: " Escritas de um jovem professor de sociologia [manuscrito] : por uma pedagogia que
dialoga com as identidades juvenis / Gabriel Nascimento e Silva. -- Belo Horizonte, 2025.

Orientadora: Grazielle Ramos Schweig

1. Educação -- Teses. 2. Sociologia - Formação de professores -- Teses. 3. Sociologia -
Estudo e ensino -- Teses. 4. Etnologia -- Teses. 5. Juventude -- Teses. 6. Cartas -- Teses.
7. Autobiografia -- Teses. 8. Sociologia educacional -- Teses.

I. Título. II. Schweig, Grazielle Ramos. III. Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

CDD- 370.19

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFGM (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte CRB6 2409/O

Olá, jovens educadores e educadoras,

Bem-vindos e bem-vindas à aventura errante da docência.

É com muito carinho e alegria que apresento a vocês o conjunto de cartas "Escrever a docência: cartas a jovens professores e professoras de sociologia". Trata-se de um material educativo produzido a partir de minha pesquisa de mestrado pelo Programa de Mestrado Profissional – Educação e Docência, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da professora Grazielle Ramos Schweig.

Estas cartas foram imaginadas como um conjunto de reflexões e propostas de exercícios práticos para jovens educadores e educadoras da área da sociologia, em formação ou no início da docência. Porém não se restringe a essa disciplina, tampouco ao tempo de experiência em sala de aula, podendo ser acionadas por docentes da educação básica de uma forma geral.

O propósito das cartas é provocar à escrita da própria docência como forma de reflexão e autoformação na trilha infindável do vir a ser professor. Junto disso, busca um alargamento da compreensão das juventudes, promovendo uma reflexão sobre os sujeitos de nossas práticas educativas. Através da escrita de si, alcançar o outro – o jovem como sujeito.

As cartas obedecem a uma sequência lógica, em que são abordadas

diferentes dimensões da escrita da docência com as juventudes. Na ordem, as cartas passam pelas seguintes discussões: 1. por que escrever a docência?; 2. os jovens como sujeitos; 3. autoetnografia e a escrita de si; 4. escrever crônicas; 5. quando as juventudes se escrevem. Contudo sua leitura pode se dar de maneira livre, a partir dos interesses pelos assuntos debatidos.

Desejo a vocês uma ótima leitura! E que a docência se torne uma experiência carregada de sentidos e potências.

Carinhosamente,

Gabriel

Belo Horizonte, abril de 2025

Olá, caro colega

Oi! Fiquei imaginando qual a seria a melhor maneira de começar essa conversa para que nossa comunicação daqui para frente seja proveitosa e alegre, e acredito ser atencioso de minha parte iniciar com uma apresentação, ainda que breve. Então lá vai... meu nome é Gabriel e estou professor de sociologia na rede estadual de Minas Gerais há alguns anos. Atuei em diferentes escolas de municípios diferentes, e tive a felicidade de me encontrar com estudantes e colegas de trabalho que muito me ensinaram e participaram de minha formação. Espero que nosso encontro também seja feliz e nos traga reflexões e aprendizagens. Como a intenção dessa carta não é elaborar um currículo, acho importante dizer que adoro cães e gatos, dormir e chocolate. E você, o que gosta de fazer?

Apresentação feita, quero lhe fazer um convite a refletirmos sobre a docência e o incessante processo de tornar-se professor. São inúmeras as questões que envolvem o lugar da docência, que nos atravessam como profissionais e pessoas, desde nossa formação, as diferentes concepções de educação, metodologias de ensino, as condições de trabalho nos contextos em que atuamos, a relação com os estudantes e tantas outras. Com o passar do tempo, a experiência do ensino de sociologia me mostrou a importância de

refletir sobre essas diferentes questões através da escrita. Mais precisamente, descobri que narrar minha experiência enquanto professor foi, e tem sido, uma forma muito potente de compreender minha atuação e os sujeitos com quem atuo: as juventudes. Minha proposta para nosso diálogo é justamente buscarmos compreender as juventudes através da escrita da docência. Envio a você essa carta para pensarmos primeiro: por que escrever a docência?

Antes de tudo, o que significa escrever a docência? Comunicar as situações que ocorreram durante as aulas e no ambiente escolar? Também. Contudo a docência não se resume à escola, e o ensino não está restrito à sala de aula. Quer dizer que devo escrever sobre qualquer assunto aleatoriamente da minha vida? Posso escrever o que comi no almoço? Se seu prato remete a uma aula sobre política de produção de alimentos ou instiga a pensar um projeto sobre culinária e diversidade cultural, sim, escreva. Escrever a docência é narrar a escola, mas também estabelecer relações entre a vida cotidiana e a educação.

Quero argumentar pela indissociabilidade entre docência e vida. Professores e professoras que nos tornamos, pessoas que somos. Afirmar o laço inseparável entre essas esferas não significa defender a presença totalizante do trabalho sobre nossas subjetividades - aliás, conselho de um colega de profissão: mantenha atividades e hobbies pessoais para além da escola, e vínculos afetivos para além das relações de trabalho. Trata-se de reconhecer como nossa atuação

enquanto educadores é atravessada pelas nossas vivências singulares, e como essas mesmas vivências nos conformam enquanto educadores.

Posso lhe afirmar que narrar a docência é uma forma de treinar a atenção e avaliar a experiência. Passamos a estar mais sensíveis aos temas e situações que nos atravessam, despertados para o mundo. Ao desenvolver a escrita, impedimos que ideias passageiras se dissipem rapidamente, ou que percepções momentâneas nos escapem de modo fugaz, permitindo ter contato com essas observações posteriormente. É um exercício de sensibilização.

Veja bem que à medida que escrevemos, nos apropriamos intensamente das questões que nos circulam, das questões que criamos como problemas a serem investigados por nós mesmos. Quero dizer que o trabalho de escrever – acredito que seja importante conceber a escrita como um trabalho; trabalho no sentido de ofício, não uma profissão – enriquece nossa capacidade de criar conexões com os temas que nos envolvem, muitas vezes a partir de situações imprevisíveis que não possuem uma relação direta. Já teve a impressão de que, ao pensar muito sobre um assunto, as conversas mais bobas com pessoas próximas ou os lugares por onde você passava, convergiam completamente para aquele assunto? Escrever traz um pouco disso, de criar lampejos de ideias e conexões. Cria emergências. Através da linguagem, transforma o cotidiano docente em acontecimento significativo, fatos com sentidos e diferentes

possibilidades de interpretação.

Além disso, manter uma rotina de escrita que envolve a docência participa de um processo de autoformação, pois conseguimos assumir uma postura mais reflexiva sobre as situações que nos ocorrem. Ao narrar nossas experiências através da escrita, abrimos janelas de sentido que permitem interpretações mais profundas, gerando associações de ideias antes não imaginadas. Estou advogando pela ideia de que a escrita é uma ação reflexiva sobre nossas vivências, muitas vezes embaçadas pela força do hábito. Ela potencializa a reflexão. Não faz sentido afirmar que escrever a vida é observar a vida por outros ângulos? Enquanto educadores e educadoras, escrever a escola significa dar sentido a ela, logo a nossa própria prática de ensino.

Existe ainda outro aspecto relevante sobre a importância de narrar a docência: a própria escrita. Vamos elaborando nossas maneiras particulares de escrever, criar com maior liberdade, arriscar imagens e metáforas que nos ativam, imprimir alguma singularidade nos estilos e formas. Não estou dizendo que pretendemos nos tornar escritores e escritoras renomados – aliás, por que não? – mas minimamente considerar que narrar a experiência é estar numa posição de autoria. Uma posição de criação, de poética. E nesse lugar, há espaço para reinventar a linguagem.

E então?! Vamos embarcar nessa aventura de escrever a docência?

Espero que a carta o tenha alcançado bem e com saúde. Até logo!

PS: deixo aqui algumas propostas para refletir sobre o exercício de escrever a docência:

1. Pense em ter um caderninho de relatos sempre em mãos. Considere um caderninho de tamanho pequeno, que possa carregar consigo, pois ele constituirá seu arquivo pessoal de relatos e memórias. Nele você poderá sistematizar os acontecimentos de diferentes maneiras e com alguma liberdade estética. Você poderá recorrer a ele em momentos mais pontuais, colocando pequenas anotações que poderão ser desenvolvidas posteriormente.

2. Tenha paciência e coragem para encontrar e assumir seus próprios problemas de investigação. Certamente as teorias com que temos contato e as perspectivas que ouvimos entre colegas ou através das mídias participam da nossa percepção sobre o mundo, porém volte sua atenção às questões que mais o provocam.

As anotações que você produzir ao longo do tempo podem conduzir aos caminhos particulares de sua investigação. Por isso, releia seu caderninho eventualmente.

3. Busque sua maneira de escrever. Suas anotações têm a forma de sua criatividade, e podem ser concebidas de diferentes modos: um texto corrido como esse, mapas mentais, esquemas em tópicos, desenhos, colagens ou versos.

Pense nos sentidos que esses formatos produzem. Pondere sobre seu estilo de

escrita a partir da sua subjetividade e colocando a si mesmo como leitor dos textos.

Espero sua resposta.

Atenciosamente,

Gabriel

Olá, companheiro e companheira de luta,

Oi amigo e amiga. Imagino você lendo essa carta, sentado em uma poltrona confortável, com roupas leves e uma caneca com café ao lado, uma brisa fresca entrando pela janela. Ou sentado no ônibus a caminho do trabalho ou de volta para casa. Você conseguiu se acomodar num assento qualquer, olhou para o movimento da rua por um instante, abriu a mochila e apanhou a carta. Ou ainda deitado na cama, o despertador pronto para tocar em poucas horas. Iniciou essa leitura com os olhos pesados de sono.

Também convido você a imaginar, já que esta carta diz muito sobre imaginação. Não estou falando de imaginar no sentido de idealizar, como quando imagino os rumos de minhas aulas das maneiras mais inesperadas, ou quando penso como seria a escola se conseguíssemos resolver minimamente suas questões mais estruturais. Digo sobre a imaginação como a capacidade de criar imagens outras sobre o mundo.

E sobre isso, a sociologia muito nos ajuda a perceber nossa relação com o mundo – a imaginação sociológica. Se o mundo não é consequência do acaso, mas resultado de constantes e intensos processos de construção humana, quais outras possibilidades temos de construí-lo? Para a imaginação sociológica, a história e a biografia se relacionam intimamente, quando observamos as

conexões entre nossas trajetórias particulares com a organização da sociedade de uma forma geral.

Nesse sentido, o convite que quero fazer agora é o de imaginar sociologicamente as juventudes. Não de fantasiar um comportamento que esperamos como ideal, ou recuperar uma noção nostálgica de juventude de um tempo que não existiu. O exercício é pensar os jovens como sujeitos. Dessa forma, na escrita da docência, poderemos observar as juventudes de forma mais crítica e responsável.

Uma imagem comum que se tem do jovem é o da pessoa que está em formação, por fazer. Quase adulto, nem chega a ser uma pessoa por completo. Você já deve ter ouvido falar que “os jovens de hoje não sabem o que estão fazendo” e “não querem nada com a vida” porque falta maturidade e experiência. As aventuras juvenis irresponsáveis e atitudes inconsequentes podem ser até perdoadas, já que se trata de uma fase que logo vai passar. Quando a juventude acabar, sim, poderão ser reconhecidos como pessoas inteiras, adultos plenamente capazes de tomar decisões e que absolutamente sabem o que querem.

Essa imagem do jovem como indivíduo incompleto também está presente na organização da escola. Usar uniforme, pedir para ir ao banheiro, horários bem determinados de quando cada aula começa e termina, proibido usar celulares,

entregar o trabalho até semana que vem, na semana seguinte é o período de provas bimestrais, não pode se sentar na mesa, não pode jogar baralho, não pode conversar durante a explicação do professor, não pode sair de sala sem permissão, não pode... tudo isso são regras que buscam enquadrar o comportamento do jovem estudante de acordo com um padrão esperado – e baseado num ideal de adulto. Sem dúvidas, essas normas importam para o bom funcionamento do ambiente escolar, mas estou argumentando que elas se baseiam numa noção incompleta da escola e das próprias juventudes.

Quero provocar a imaginar que a escola também é um lugar de interação e de encontros – muitas vezes o único lugar em que pessoas com experiências, opiniões e visões de mundo tão diversas possam se reunir. Faça um rápido exercício de lembrar suas lembranças escolares e tenho certeza de que aparecem diante dos olhos situações como as amizades que foram feitas que carrega para a vida, ou as que ficaram nos tempos de colégio, mas que ainda recorda com afeto; os bilhetinhos trocados com os colegas em sigilo durante as aulas; as paqueras com aquela pessoa que você tinha uma queda, ou quando beijou seu colega escondido atrás da quadra e depois contou para seus amigos. Você pode ter se lembrado da ocorrência que recebeu por ter discutido com o professor; quando seus pais foram chamados e você levou uma bronca em casa; quando pegou a sua primeira recuperação em matemática; do caso de bullying.

Do riso quase explodindo na boca no meio daquela palestra que o professor disse ser muito importante; dos passeios fora da escola em que se juntou com sua turma, brincando no fundo do ônibus, fugindo da vigilância dos adultos responsáveis pelos corredores daquele museu. Você se lembra um pouco da explicação que o guia deu sobre aquelas obras de arte, mas vem com vigor a lembrança das conversas com os colegas, ou do tombo que aquele outro colega levou.

Atenção! Não quero criar uma visão romântica da escola com esses exemplos, mas mostrar a dimensão das interações (nos seus mais variados ângulos) para além de suas regras institucionais, e dessa forma observar os jovens por outro ponto de vista. Olhando apenas para a escola como uma instituição, tendemos a ver os jovens como indivíduos a serem disciplinados pelas normas escolares – como objetos (!!!) dessas normas. Então estendendo o olhar para as interações, começamos a ver os jovens como sujeitos.

Ver o jovem como sujeito significa imaginar suas vivências para além da condição de estudante, com gostos próprios, estilos que reafirmam sua identidade, posturas que buscam apresentar sua individualidade e suas visões de mundo. Observar a capacidade criativa que os jovens possuem de dar significado para o mundo e produzir suas próprias formas de interagir, muitas vezes questionando e negociando as regras instituídas. Inserido na sociedade, o

jovem vai construindo uma série de práticas e bagagens culturais que participam da formação de sua subjetividade – um sujeito social. Além de nos permitir questionar as relações de poder que os colocam num estado de passividade, admitidos seu potencial em dar sentido ao mundo e à própria vida.

Também essa perspectiva sobre as juventudes é importante para estabelecer uma concepção de educação que considera a realidade dos sujeitos como algo fundamental no processo de aprendizagem. Acredito que o conhecimento é significativo quando parte das nossas vivências, quando nos instiga a imaginar a relação de nossas vidas com o mundo. Opa!!! Entender o jovem como sujeito é uma condição necessária para essa tarefa.

O que você pensa? aguardo seu retorno e agradeço a companhia até aqui. Uma boa semana e nos falamos em breve.

PS: Para nos despedir, deixo aqui alguns exercícios para imaginarmos as juventudes a partir da escrita da docência:

I. Na escola, comece a observar e escutar os jovens como sujeitos.

Busque caminhar pela escola durante o recreio e fique observando a dinâmica dos estudantes: as interações com os colegas, como utilizam e ocupam os espaços da escola, como eles se vestem e expressam seus estilos, qual a linguagem utilizada. Existem grupos se formando? Note como é a composição

desses grupos e a relação com outros grupos. O que estão fazendo? Perceba se conversam, jogam bola, baralho, se utilizam os celulares. E como é a interação com outros trabalhadores da escola?

Tente conversar com os estudantes sobre outras coisas, sobre o que gostam de fazer no tempo livre, pergunte como estão, o que fizeram no final de semana, seus interesses. Converse com os estudantes nos intervalos das aulas ou enquanto copiam um conteúdo do quadro.

2. Liste algumas lembranças de sua trajetória escolar quando era estudante.

Pense nos momentos mais marcantes que sobem à memória e reflita a partir destas perguntas: O que aconteceu? Onde ocorreu? Quais pessoas participaram? Como isso o afetou?

Sempre que possível, registre. Para isso, não há formas melhores ou piores.

Carinhosamente,

Gabriel

Olá novamente!

Como você está? Por aqui tudo bem. Na verdade, as coisas andam corridas, como sempre parecem estar... corridas. Escrevo agora, já tarde da noite, com os olhos preguiçosos e pesados de sono. Sobre a mesa, ao lado do computador em que digito essas palavras provisórias, estão pilhas de trabalhos que foram corrigidos há pouco, materiais escolares espalhados sem ordem, um livro, e uma xícara vazia com uma marca indicando que, antes de ser consumido, havia café. Logo se inicia a semana de provas e o rebuliço para o fechamento de notas. A louça acumulada na pia está à minha espera.

Nesse estado de cansaço e ansiedade, lhe escrevo sem muita criatividade e desprovido de ideias para melhor iniciar a carta. Mas acabo percebendo que relatar esse momento particular em que a carta tem sido elaborada faz sentido. Desabafo sobre essa situação não apenas para criarmos alguma intimidade e fortalecer os laços que iniciamos, mas também para provocar acerca da relação entre escrita e vida. Afinal, não escrevemos sempre de algum lugar segundo diferentes circunstâncias? Mais ainda, não somos alguém quando escrevemos? Sou agora alguém sonolento com muitas demandas do trabalho e preocupado em te escrever.

E nesse ponto de encontro entre a palavra e o corpo é que convido a

imaginar outra possibilidade de escrever as juventudes – a partir da autoetnografia. Falando em miúdos, a autoetnografia é uma forma de escrever o outro apoiada nas próprias experiências de quem escreve. Uma prática que vem da antropologia, misturando o relato etnográfico com a autobiografia, quando quem pesquisa e quem é pesquisado são a mesma pessoa. Quando o pesquisador faz parte do mesmo grupo e dinâmica cultural que busca investigar. Uma foto no espelho.

Proponho escrevermos as juventudes a partir dos nossos olhares enquanto professores e professoras intensamente implicados com os sujeitos que observamos e escrevemos, com quem dividimos parte do nosso dia e dos nossos afetos (e do nosso cansaço).

Mas por que a autoetnografia? Você poderia me perguntar. Respondo: acredito que a autoetnografia pode nos ensinar algo de valioso no ato de escrever, que é justamente compreendermos nossa subjetividade como parte desse processo. Considerar honestamente nossas afetações, sentimentos e percepções mais particulares sobre situações e pessoas com as quais estamos, muitas vezes, profundamente envolvidos. Aliás quais situações nos motivam mais a escrever que não aquelas que nos deslocam e nos pegam pelo estômago? Aquelas que nos incomodam? Desse modo, a tarefa de escrever parte de uma disposição em organizar nossos incômodos e, diante deles, produzir reflexões e

ideias que mobilizam nossas ações.

Quero ainda dizer que o reconhecimento da subjetividade que a autoetnografia nos propõe, coloca em xeque uma ideia rançosa presente no exercício investigativo a que estamos nos aventurando: a (suposta) neutralidade. Ou ao contrário, a escrita autoetnográfica é muitas vezes acusada de parcialidade das suas descrições, ainda pior, de falsear a realidade objetiva dos fatos como realmente aconteceram. Para você, como seria possível capturar a "realidade objetiva dos fatos como realmente aconteceram"? Ou todo relato se trata de uma perspectiva particular sobre a realidade? Ainda mais, dizer que um relato equivale à realidade absoluta dos fatos não seria uma forma perigosa de definir um ponto de vista enquanto verdade inquestionável?

Meu convite a você é recusar um lugar distante e aparentemente neutro de alguém que parece observar tudo de cima como uma entidade atemporal onisciente. E talvez aqui se encontre o grande mérito dessa forma de conceber a escrita, que é a capacidade acurada de capturar as miudezas das interações, que só alguém de dentro poderia perceber. O observador-distante-atemporal-onisciente consegue alcançar o fenômeno que observa, porém o observador envolvido intimamente com o fenômeno, apreende as sutilezas do que há de implícito em cada situação. Lê pelas entrelinhas. Um olhar discreto entre os estudantes, um gesto que faz referência a outro momento, uma mudança

repentina do comportamento de alguém, o silêncio inesperado depois de alguma fala.

Nesse sentido, escrever as juventudes não se torna apenas uma tarefa fruto de curiosidade puramente intelectual, mas também parte de um projeto de vida. Como havia comentado, lhe escrevo em meio às demandas escolares que me capturam e me constituem. Os bolos de trabalhos ainda não corrigidos, os planos de aula elaborados aos domingos, as inseguranças da docência, as memórias felizes de uma aula boa, a mensagem de um estudante que lembra com carinho das aulas, os conflitos mais sérios, o salário pouco, a troca de materiais e ideias entre os colegas, os projetos que não deram certo, os projetos que deram certo, o cansaço de tarde da noite... É desse emaranhado de vida que observo (e escrevo) o mundo, que observo (e escrevo) a docência e as juventudes, que digito essas palavras. O que faz parte de você agora que lê a carta?

Agora me despeço, pois me preparo para deitar. Que as circunstâncias que o acompanham sejam boas quando esta carta o alcançar. aguardo sua resposta. Ótima semana e bom descanso!

PS: para exercitarmos a prática da escrita autoetnográfica:

I. Considere fazer pequenas anotações durante acontecimentos que chamem sua

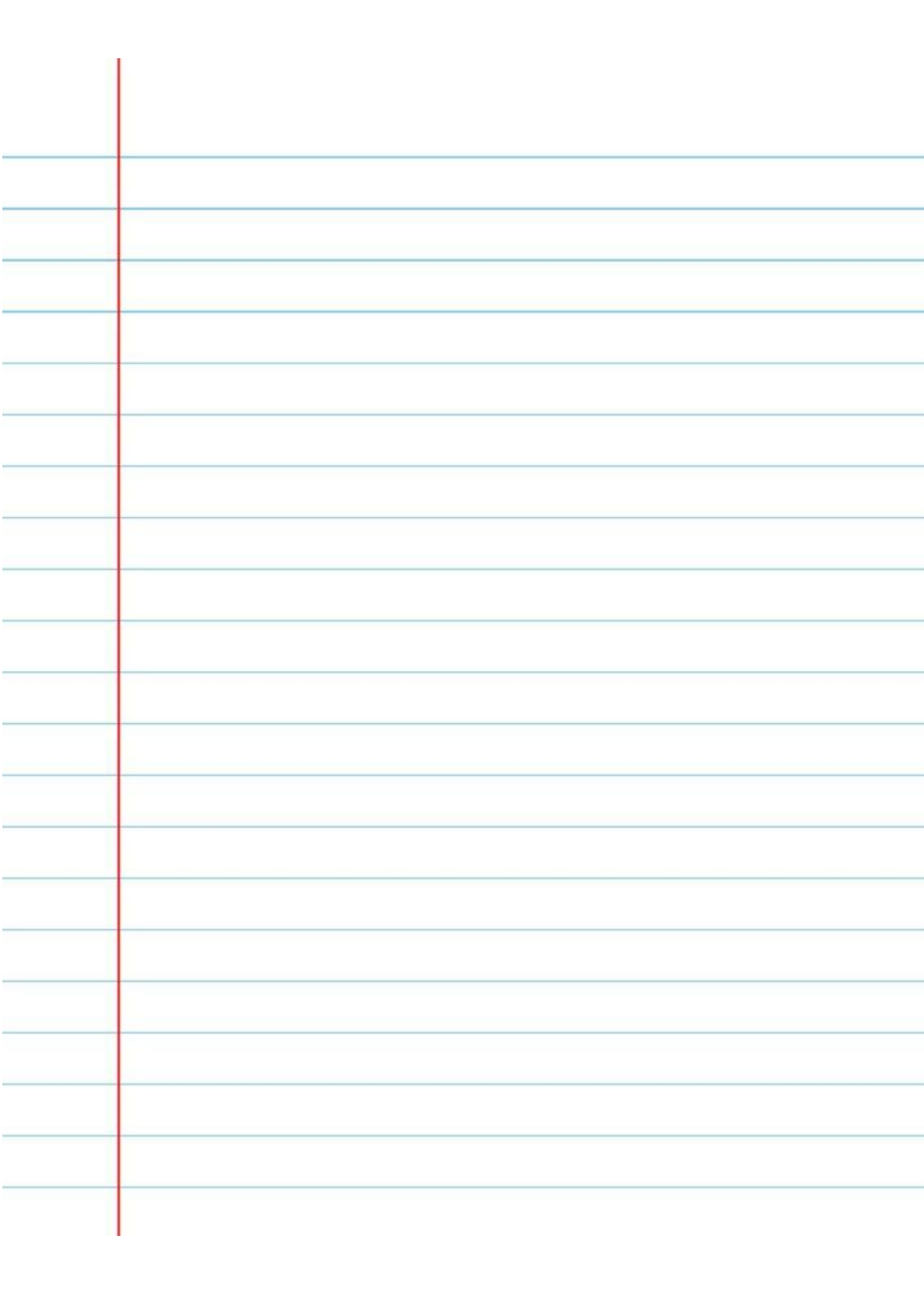
atenção. Numa frase curta ao final da aula, anotar a fala de algum estudante que o tenha despertado interesse; uma interação que você pescou enquanto caminhava pelos corredores da escola; ou uma situação que você observou nos intervalos do cotidiano escolar.

Ao narrar os acontecimentos, pondere como os percebe e de que forma foi afetado por eles, suas impressões. As anotações podem ser desenvolvidas com maior cuidado depois, ou simplesmente ignoradas. A escrita também parte das escolhas que fazemos.

2. Pense em retornar aos relatos elaborados em outros momentos e perceber como aquelas situações mobilizam você agora. Jogando com a memória, ler a si mesmo nos coloca como um outro que escreveu, gerando um estranhamento entre nossas percepções imediatas e posteriores aos eventos experienciados. O que mudou desde então? Você acha que naturalizou algumas situações ao longo do tempo? Hoje, você avalia aquela situação levando em conta quais aspectos?

Com afeto,

Gabriel



Oi!

Tudo bem? Tem um minuto para ouvir uma história? Queria começar esta carta contando de uma situação engraçada e meio boba que me ocorreu hoje. Estava andando por uma rua que faz parte dos meus percursos quase diários entre trabalho e casa. Era de manhã, final de verão, o tempo quente, mas fresco, o sol gentil, e uma brisa soprando... um dia agradável que começava. Como era uma paisagem comum na minha rotina, nada me chamava muita atenção, a não ser as pessoas que passavam com seus trejeitos mais particulares. Os muros eram os mesmos, casas e prédios se mantinham no lugar, o movimento dos veículos continuava como eu conhecia, das árvores apenas suas folhas se movimentavam lentamente... até que uma curiosidade me tomou de repente.

Quase sem querer meus olhos se voltaram para a janela de um predinho de dois andares na esquina. Era a única janela aberta, a esquadria de ferro e vidro. Tive a impressão de ter visto um vulto passando rápido de um lado ao outro. Parei no meio da calçada. Fiquei à espreita, observando. Aguardando. Imaginei que uma situação misteriosa estivesse acontecendo ali... um crime brutal, o encontro secreto de dois amantes, ou uma reunião para tramar um golpe de Estado. A curiosidade me consumia. Fiquei na ponta dos pés tentando ver melhor o que sucedia lá dentro, quando subitamente uma senhora apareceu.

Seu olhar encontrou o meu diretamente. Fui pego! Virei-me num só movimento e comecei a andar com passos rápidos, sem olhar para trás.

Você já passou por alguma situação como essa? Fiquei muito constrangido na hora, mas depois refleti sobre o fato de nunca ter reparado naquela janela e naquele predinho da esquina. Talvez aquela senhora já tivesse me visto passar pela rua, o que só pude notar depois que um evento inesperado sacudiu a rotina de minha caminhada desatenta.

Conto essa história não por acaso, mas para pensarmos juntos sobre o cotidiano. Percebe que, com o tempo, nos acostumamos com nossas dinâmicas em casa, no trabalho e nas situações diárias que vivemos? Na escola, acabamos nos habituando com a organização do espaço e do tempo escolar, com as interações entre as pessoas, e até com nossas práticas enquanto professores e professoras. Quero dizer que nossas primeiras experiências nos deixam mais despertos para as coisas ao nosso redor, coisas acabam se tornando naturais, que não reparamos da mesma forma com o passar dos dias.

Por isso lhe escrevo hoje, logo após o acontecimento com a senhora na janela. Minha proposta é que a gente possa refletir sobre a escrita do cotidiano, mais precisamente a escrita das juventudes a partir do cotidiano docente. Já viemos conversando sobre a importância de escrever e sobre os relatos autoetnográficos, e hoje gostaria de convidar a pensar numa maneira de escrever

que acredito trazer reflexões muito interessantes a respeito do dia a dia de nossas práticas: as crônicas.

Se procurar no dicionário o que são crônicas, vai encontrar significados que passam mais ou menos por esta explicação aqui: é um gênero textual geralmente composto por textos narrativos curtos que se relacionam com situações cotidianas. Narram experiências pessoais, episódios triviais, cenas breves da vida ordinária. Se já está familiarizado com a leitura de crônicas, vai saber que elas não possuem formas tão delimitadas, mas se abrem a diferentes possibilidades de escrita, podendo ser jornalísticas quando narram fatos mais objetivos, líricas se utilizam uma linguagem poética, humorísticas se trazem um tom de anedota, ou críticas e reflexivas com pontos de vista mais subjetivos. O que caracteriza as crônicas é a linguagem simples que fala do cotidiano da vida.

Portanto, pense você que os relatos dos eventos descritos no seu caderninho de anotações são crônicas em potencial. Cabe dar sentido a esses relatos, transformar a descrição direta do fato em narrativa que produza sentidos, que aponte possibilidades de reflexão, formas outras de enxergar a situação observada e vivida. Estou defendendo que as crônicas, enquanto outra forma de escrever, é também outra forma de pensar. Não acha que dizer de outra forma é dizer outra coisa?

Caso a proposta de escrever crônicas ainda lhe pareça estranha, quero

argumentar porque elas são um recurso importante e interessante para nossa aventura de escrever as juventudes. Primeiro, vale dizer que as crônicas são textos que desmascaram a vista ofuscada pelo hábito, propõem observar assuntos corriqueiros com profundidade, nos levando a diferentes percepções e interpretações. Transformam a rotina em acontecimento notável, o cotidiano em algo extraordinário a ser contemplado. As crônicas são janelas abertas no prédio da esquina que provocam a olhar e imaginar o caminho cotidiano. Falando de outra forma, elas são exercícios de desnaturalização – uma ação importante e necessária para nós, docentes da educação básica, considerarmos as dinâmicas escolares e seus sujeitos de um modo curioso, a partir do estranhamento.

Além disso, as crônicas caminham sobre a linha borrada que separa a realidade da ficção. Elas abraçam o caráter ficcional da escrita, que é justamente a criação poética das experiências cotidianas através da linguagem. Veja bem que não quero te incentivar a mentir sobre os eventos que acontecem, mas propor uma reinvenção da forma de contar, ou seja, essencialmente uma forma de recriar os acontecimentos. Então mais que descrever as juventudes e a docência pelos relatos autoetnográficos, buscando algum tipo de objetividade, produzir crônicas permite formar novos sentidos às juventudes. Inventar o outro através de pontos de vista que sensibilizam e desnaturalizam o olhar.

E então?! O que acha de ousar escrever através das crônicas? Com certeza não é uma tarefa fácil, mas sei que novas janelas se abrirão. Fico por aqui... um forte abraço e boa semana!

PS: leia as propostas a seguir como apontamentos que miram a escrita de crônicas enquanto gênero textual carregado de sentidos pedagógicos, e não um manual que prescreve uma forma ideal de fazer crônicas.

1. O primeiro passo para escrever crônicas é ler crônicas. Sobre isso, não nos falta material, já que o Brasil é terra abundante em bons cronistas. Para ficar entre os nomes mais conhecidos, temos Rubem Braga, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Nelson Rodrigues, Luís Fernando Veríssimo, e por aí vai.

Quando estiver lendo crônicas, observe o estilo da escrita da sua autora ou autor.

Pense: quais acontecimentos cotidianos estão sendo narrados? De que forma são abordados? Perceba seus caminhos narrativos e os sentidos que vão se costurando, sua intencionalidade. Quais efeitos a crônica produziu em você?

2. Procure observar com curiosidade as janelas nos seus percursos diários.

3. Comece a imaginar histórias a partir das suas anotações. O que aconteceria naquela situação se as ações dos sujeitos fossem diferentes? Quais caminhos aquela cena poderia tomar se as falas e gestos das pessoas envolvidas mudassem? Ou imagine a continuidade da situação registrada. O que poderia

ocorrer posteriormente?

Sobretudo, pense na intenção da escrita. Quais sentidos você pretende ao narrar a situação? E como o estilo da escrita dialoga com esses sentidos? Note os recursos narrativos à sua disposição – a ironia, o humor, a crítica, o lirismo etc. E veja as implicações que tais recursos possuem na construção do texto.

Afetuosamente,

Gabriel

Oi, tudo bem?

“Não consegui prestar atenção na aula por conta da sobrecarga da escola. Muitos trabalhos e matéria nova.”

Foi assim que Bonnie relatou uma de nossas aulas. Esse relato fazia parte de uma proposta de atividade pedagógica que consistia na produção de diários de campo das aulas de sociologia, registrando nossos encontros semanais. O formato da escrita era livre e podia conter alguma reflexão que as ideias e teorias abordadas tenham sugerido, alguma avaliação ou comentário sobre o decorrer da aula, ou uma descrição das dinâmicas sociais que se desenrolavam naqueles minutos de aula. Pedi, em cada turma, que ao menos dois estudantes produzissem esses diários. E para garantir maior engajamento, pontuei a elaboração dos diários como atividade avaliativa.

Entre seus relatos, ao longo de cinco aulas, Bonnie revelou os pensamentos que surgiram das discussões levantadas em sala, analisou criticamente a metodologia das aulas, comentando suas impressões sobre a proposta pedagógica e expressou as circunstâncias em que vivenciava sua condição de estudante – a desatenção às aulas devido à sobrecarga de trabalhos escolares e matéria nova.

O que você pensou a partir do relato de Bonnie? E o que achou dessa

proposta da escrita de diários das aulas? Como professor, fiquei muito contente de receber um retorno sobre as aulas, tanto das metodologias e materiais didáticos, quanto das interações que se desenvolviam. A ideia da produção dos diários discentes surgiu como forma de dialogar com os estudantes, de compreender suas expressões juvenis e percepções sobre as próprias experiências enquanto pessoas no mundo. Criar um instrumento de escuta pedagógica e provocar a escrita de si mesmos. Que tal arriscar essa façanha?

Aqui, peço licença para discutir qual a intenção por trás da proposta da elaboração dos diários. De uma forma meio irrefletida, desde minhas primeiras experiências na docência, foi uma preocupação que as aulas fossem espaços de expressão e diálogo. Com o tempo, no processo sem fim de vir a ser professor, pude perceber a importância do diálogo e a concepção de educação em que se ancorava essa ideia.

Você não acha que ouvir e dialogar com os jovens estudantes não questiona uma noção tradicional de educação? Nesse modelo tradicional, o aluno é visto como um recipiente em que são depositados os conteúdos e ideias trabalhados em aula. Ele não é percebido na sua subjetividade, portanto não existe diálogo, apenas falas que caminham da direção do professor que tudo sabe à plateia cativa de alunos que nada sabe. Dialogar com os estudantes implica enxergá-los como sujeitos. Pessoa que possuem diferentes opiniões,

gostos, posicionamentos e as mais diversas vivências em sociedade.

De qualquer modo, você pode me interrogar, por que dialogar com os estudantes é importante? No mínimo ajuda a estabelecer uma relação positiva com as turmas, e em última instância, produz uma educação mais significativa, já que parte da própria realidade de quem aprende.

Não quero dizer que dialogar se limita a ouvir os jovens estudantes falarem sobre suas vivências e expressarem suas opiniões simplesmente. A sala de aula já me mostrou que a abertura ao diálogo pode ser problemática quando se reforçam opiniões superficiais do senso comum ou quando surgem discursos preconceituosos, sem que haja a possibilidade de discussão e desconstrução dessas opiniões e discursos. Quero dizer que dialogar implica produzir alguma compreensão da sua relação com o mundo e de si mesmos de modo crítico. O propósito é partirmos das experiências particulares dos estudantes, mas buscarmos uma reflexão crítica dessas experiências através dos conhecimentos que mobilizamos nas aulas (e fora delas).

Por fim, quero dizer que essa ideia de diálogo está fundamentada numa concepção de educação emancipadora. Uma educação que pretende a libertação dos indivíduos dos fatores históricos e sociais em que estão envolvidos, através da compreensão de que eles são parte de reprodução e transformação desses fatores. Compreender criticamente a relação com o mundo. Por isso o diálogo:

não apenas para reconhecer o jovem estudante como sujeito, mas para que ele também possa se reconhecer como sujeito. E você?! Como concebe a educação?

Acredito que no seu relato, Bonnie tenha produzido uma reflexão potente sobre seu lugar no mundo como estudante naquele momento específico de sua trajetória, não apenas para mim, para quem ela escrevia, mas para si mesma. O que acha? Bom, vou me despedindo e desejando sorte na sua trajetória. Até breve!

PS: a partir de algumas experiências pedagógicas, compartilho ideias que procuram o diálogo com os jovens estudantes:

I. Pense em atividades que permitam a expressão das identidades e experiências juvenis.

Rodas de conversa sobre os temas abordados são uma proposta interessante para iniciar uma sequência de aulas – assim é possível avaliar as primeiras posições dos estudantes sobre o assunto estudado antes das aulas e depois de trabalhado de forma mais crítica e sistematizada.

Atividades de produção de texto que envolvam artigos de opinião ou formatos mais livres de escrita que dão margem à subjetividade dos estudantes também são ferramentas interessantes para analisar como as experiências sociais reverberam na compreensão dos assuntos estudados.

Ainda, atividades de avaliação das aulas ou autoavaliação são úteis para captar a percepção dos estudantes sobre o desenvolvimento das aulas, seus pontos positivos, negativos ou sugestões de mudanças.

2. Deixe um caderninho (como um bloco de notas) com os estudantes em cada aula e proponha que alguém faça algum relato do que se passou.

Abra espaço para diferentes linguagens e deixe isso evidente, podendo ser pequenos textos, frases espalhadas, mapas mentais, desenhos, esquemas, versos ou tudo isso misturado. Os motivos dos relatos também são variados, sendo ideias que tenham chamado atenção ao longo da explicação de um conteúdo, a dinâmica da sala, as percepções sobre a metodologia utilizada, alguma crítica da aula ou mesmo qualquer forma de expressão.

Boa semana e boa sorte!

Grande abraço,

Gabriel

